

ENTRE A LAMA E A MEMÓRIA: AS PERDAS SIMBÓLICAS DE UMA ESCOLA ATINGIDA PELA ENCHENTE EM MAIO DE 2024

BETWEEN MUD AND MEMORY: THE SYMBOLIC LOSSES
OF A SCHOOL AFFECTED BY THE MAY 2024 FLOOD

Daiane Ribas Ramos

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul/Brasil).

Bolsista do Programa de Suporte à Pós- Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Caxias do Sul/Brasil).

E-mail: drramos@ucs.br

José Edimar de Souza

Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo/Brasil). Professor e pesquisador atuando nos Programas de Pós-graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul/Brasil). Bolsista Produtividade do CNPq.

E-mail: jesouza1@ucs.br

Recebido em: 15 de janeiro de 2026

Aprovado em: 18 de abril de 2026

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 23 | n. 2 | p. 266-280 | jul./dez. 2026

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.4502>

RESUMO

Este trabalho analisa as perdas simbólicas decorrentes da enchente de maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul, tomando como referência a Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Saturnina Ruschel, localizada no município de Feliz. A partir da perspectiva da História Cultural, o estudo compreende a escola como um espaço de produção de sentidos e memória, dando ênfase ao valor simbólico de seus documentos. Inicialmente, apresenta-se uma narrativa sensível que busca dar visibilidade às experiências vividas no interior da instituição durante o desastre, seguida de uma contextualização dos impactos das enchentes no estado e no campo educacional. Em seguida, discute-se o comprometimento da memória institucional diante da perda e do dano ao acervo documental da escola, com ênfase no Livro do Centenário. O estudo também aborda o processo de restauro desse livro como uma ação de resistência e preservação da memória coletiva, evidenciando o papel da comunidade escolar na recomposição de sua identidade histórica após a catástrofe. Conclui-se que as enchentes não provocam apenas danos materiais às escolas, mas afetam profundamente seus registros, vínculos e significados.

Palavras-chave: Memória. Mudança Climática. Restauro.

ABSTRACT

This study analyzes the symbolic losses resulting from the May 2024 flood in the state of Rio Grande do Sul, taking as its reference the Maria Saturnina Ruschel State Elementary School, located in the municipality of Feliz. From the perspective of Cultural History, the study understands the school as a space for the production of meanings and memory, emphasizing the symbolic value of its documents. Initially, a sensitive narrative is presented that seeks to give visibility to the experiences lived within the institution during the disaster, followed by a contextualization of the impacts of the floods on the state and on the educational field. Subsequently, the study discusses the impairment of institutional memory in light of the loss and damage to the school's documentary collection, with emphasis on the Centenary Book. The study also addresses the restoration process of this book as an act of resistance and preservation of collective memory, highlighting the role of the school community in the recomposition of its historical identity after the catastrophe. It concludes that floods do not cause only material damage to schools, but also deeply affect their records, bonds, and meanings.

Keywords: Memory. Climate Change. Restoration.

1 PRELÚDIO DA ENCHENTE

Uma inspiração e uma expiração ...

Que belo dia! – Exclamo, assim que surge no horizonte mais uma semana de aula. Apesar do céu cinza e a previsão de chuva, as crianças coloreem minhas paredes com seus cartazes e trazem vida aos corredores cada vez que passam correndo. Suas vozes ecoam como uma verdadeira melodia. Posso sentir as mais diversas sensações, como a língua que saliva pelo cheiro da comida sendo feita na cozinha, como a alegria do aprendizado, mas também o frio da barriga de um primeiro amor. Assim como uma orquestra, cada pessoa dentro do meu território, desempenha suas funções em perfeita harmonia.

Há momentos que a existência mundana nos pega desprevenidos. É deste modo que ocorre na segunda-feira, 29 de abril de 2024. Na tarde deste dia, experimento um novo sentimento. O medo. Pouco tempo depois da chegada, minhas crianças são obrigadas a retornar para suas casas com suas famílias e se abrigar em algum lugar seguro, a segurança da qual eu não consigo ofertar naquele instante. As águas do rio, que sempre fazem boa vizinhança, sem pedir licença, me atingem e arrastam consigo as carteiras, os livros e até as paredes. Não houve tempo em anunciar a ruína.

Ainda sinto as gotas de chuva escoarem pelo meu telhado assim como os grãos de areia na ampulheta vão medindo a passagem do tempo. E faz tempo que chove. Faz tempo que minhas quinquilharias estão submersas em meio à água e a lama. Resistirá minha ruína para ser aquecida pelo sol novamente?

A água recua, vejo e sinto as pessoas indo e vindo. Portam consigo uma dor, uma perda. Elas adentram nos ambientes e ouço os estilhaços sobre o solo se partirem em mais pedaços. O cheiro é horrível. Tentam de toda forma retirar a lama que está aqui dentro com baldes e rodos, procurando encontrar o que restou, se é que restou algo.

Não me sinto bem. E uma aflição toma forma em meu ser. Quanto mais mexem, mais os estragos surgem à superfície. Do que a enxurrada não leva, fica como um testemunho do que aqui acontece. Agora, chega indivíduos usando um traje que por ora não reconheço, mas carregam consigo uma expressão séria. Falam em números, cálculos, expressões matemáticas para contabilizar a catástrofe. Tento compreender, nada entendo.

Me preocupo. Onde estão minhas crianças? Sinto pressa em vê-las. Sinto pressa em ouvir seu canto, suas risadas e suas inquietações. Será que nos encontraremos novamente?

Saio para o exterior do prédio, difícil reconhecer o local onde supostamente ficava o jardim. Há escombros por cada metro quadrado deste lugar. As árvores frutíferas e as flores estão inclinadas em um verdadeiro gesto de reverência à potência da água. Vou até a entrada da escola, toco no portão de ferro

embarrado e com inúmeros galhos presos a ele. Ouço seu ranger no movimento de fechar. Do local que deveria permanecer sempre aberto para os encontros, agora se fecha por tempo indeterminado.

2 DA SENSIBILIDADE AO DIAGNÓSTICO

A primeira narrativa apresentada nesta escrita assume uma forma poética, em que o espírito de uma escola, atingida pela força das águas, relata o que ali se passou. No entanto, não se trata de uma história isolada: o episódio reflete uma realidade compartilhada por inúmeras instituições de ensino afetadas pelas enchentes de maio de 2024, no estado do Rio Grande do Sul.

Desta forma, este artigo propõe refletir sobre as perdas simbólicas provocadas pelas enchentes de 2024, tomando como referência a experiência da Escola Maria Saturnina Ruschel, em Feliz (RS), e buscando compreender como o desastre afetou sua memória institucional.

Nesse período, segundo os dados do relatório dos *Impactos das Chuvas e Cheias Extremas no Rio Grande do Sul – maio de 2024* (Emater, 2024), em algumas localidades, choveu mais de seiscentos milímetros em menos de dez dias, ocasionando o encharcamento do solo, alagamentos, deslizamentos e elevação dos níveis do sistema fluvial. Dos quatrocentos e noventa e sete municípios gaúchos, quatrocentos e oitenta e um sofreram diretamente com os impactos deste evento climático.

Famílias inteiras viram suas casas, construídas com muito esforço, serem submersas ou arrastadas pela força da correnteza. As perdas foram além do material – muitas pessoas enfrentaram a angustiante realidade de terem seus entes levados pela enxurrada. Aqueles que sobreviveram foram rapidamente encaminhados para os abrigos improvisados. A todo momento, as emissoras de televisão capturavam as imagens de resgates realizados por helicópteros, *jet skis* e canoas.

A tragédia se estendeu por todos os setores: houve a perda de safras inteiras de plantio, morte de inúmeros animais, e a infraestrutura do estado foi severamente comprometida: pontes desabaram e deslizamentos de terra bloquearam estradas, isolando comunidades e dificultando o acesso aos suprimentos essenciais. Acrescenta-se a isso a falta de energia elétrica e de água potável, as quais agravaram ainda mais a situação, transformando o cotidiano em uma luta pela sobrevivência.

No contexto educacional, os efeitos foram igualmente calamitosos. De acordo com a *Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul* (Suarez; Bello; Campbell, 2024, p. 79):

Estima-se que ao menos 992 escolas e universidades sofreram algum tipo de dano em suas infraestruturas, mobiliários, equipamentos e materiais, com 433 registrando danos mais sérios e 41 consideradas totalmente inoperantes. Devido à suspensão generalizada das aulas em função das inundações, quase a totalidade dos 2,9 milhões

de alunos sofreu algum nível de perda educacional, resultando em um total de 79,8 milhões de horas-aula não ministradas.

A crise climática pode ser compreendida como o agravamento dos fenômenos meteorológicos extremos e seus impactos socioambientais. De acordo com Souza (2024), a principal razão para o agravamento e a severidade dessas manifestações está relacionada à mudança global do clima, que pode decorrer tanto de processos naturais quanto da ação humana, a qual tem acelerado significativamente tal dinâmica, modificando as condições do planeta. Como ressalta a autora, “os seres humanos, ao realizarem suas atividades, interferem e têm a capacidade de provocar alterações importantes” (Souza, 2024, p. 20).

Segundo Barcellos (2022), os desastres climáticos estão sendo considerados um dos maiores desafios da sociedade contemporânea, manifestando-se por meio de ondas de calor, escassez de água, inundações, deslizamentos de terra e processos de desertificação, entre outros.

No Rio Grande do Sul, devido à extensa rede hidrográfica e à frequência de períodos de chuvas intensas, registra-se um histórico marcado por inundações, que afetam de maneira significativa tanto áreas urbanas quanto rurais. Com um clima subtropical úmido, o estado apresenta elevada vulnerabilidade a eventos extremos, que ao longo do tempo têm moldado não apenas a paisagem natural, como também o cotidiano de sua população. Grande parte dessas inundações está associada ao fenômeno El Niño, responsável por intensificar as chuvas no sul do Brasil. Os efeitos são especialmente notados nas bacias dos rios Jacuí, Taquari, Caí, Sinos e Gravataí, onde a elevação rápida do nível da água frequentemente desencadeia enchentes (Fiocruz, 2024).

As enchentes afetam o cotidiano escolar, ambiente entendido por Souza (2024) como um local que representa construção, possibilidade, encontros, reflexões, elaborações individuais e coletivas, aprendizados e evoluções. Quando a escola é atingida por um desastre ambiental, não se perde apenas um prédio ou um conjunto de salas de aula: perdem-se também documentos históricos, recursos pedagógicos e rotinas que garantem a continuidade do direito à educação.

As escolas localizadas dentro de áreas passíveis de inundação enfrentam interrupções significativas e que comprometem a continuidade da educação de milhares de alunos, além de suas rotinas, sua segurança e a dos funcionários. A existência dessas instituições em zonas vulneráveis a desastres traz preocupações sobre a infraestrutura existente e sua preparação para o enfrentamento destas adversidades.

Tornam-se imprescindíveis esforços imediatos para restaurar o acesso à educação, além da necessidade de que se tenha um planejamento a longo prazo para a construção de escolas em locais seguros e a implementação de estratégias de resiliência a enchentes, tais como: a revisão e o reforço das

estruturas físicas das instituições escolares e desenvolvimento de programas educacionais que incluam a educação sobre desastres, visando preparar os educandos para futuros eventos adversos (Fiocruz, 2024).

Vieira (2024) afirma que alguns dos problemas mais severos que decorrem das mudanças climáticas são o fechamento em massa das escolas, as perdas de aprendizagem e os impactos sobre a saúde dos estudantes e funcionários. Adicionalmente, os efeitos das mudanças climáticas na educação tornam-se uma ameaça para a economia, já que o fechamento total ou parcial das escolas, associado às emergências diversas tais como enchentes, ciclones, entre outros, guarda relação direta com a transformação de seu espaço físico, que pode não apenas sofrer danos transitórios ou permanentes, como também servir de abrigo para as vítimas desses fenômenos.

De acordo com Pereira (2024), uma escola fechada é uma adversidade maior do que os conteúdos do ano letivo. Esta situação causa desconforto familiar e a fragilização de apoios importantes nas áreas de alimentação, esporte e sociabilidade. O autor prossegue dizendo que:

[...] as águas apenas nos mostraram, mais uma vez, que o descaso com a estrutura escolar tem um alto preço em vários aspetos. A falta de prioridade a uma área tão sensível como a educação aparece não só como consequência, mas também, em certo sentido, é causa de desastres ambientais (Pereira, 2024, p. 38).

No âmbito material, os danos costumam ser imediatos e visíveis, uma vez que a estrutura física da escola recebe água e lama. Móveis arrastados, livros e equipamentos eletrônicos se deterioram, os arquivos escolares são destruídos. Esses documentos, que compõem a memória institucional e comunitária, desaparecem em poucas horas de enchente, ocasionando a perda de um patrimônio histórico que carrega consigo a identidade da comunidade escolar. Além disso, quando a escola é interditada, ocorrem prejuízos pedagógicos, pois as aulas são suspensas por semanas ou meses, comprometendo o calendário letivo e impossibilitando o cumprimento da carga horária obrigatória.

Os danos se estendem também ao social e emocional, já que a escola também é um local de sociabilidade construção de vínculos. Na esfera emocional, quando a enchente invade o espaço escolar, as crianças e adolescentes perdem temporariamente esse ambiente de socialização, o que acarreta sentimentos de isolamento, insegurança e descontinuidades. Quanto aos funcionários e professores, estes enfrentam dificuldades para retornar às suas atividades em meio a tantas perdas. O trauma vivido pela comunidade escolar desestabiliza a rotina e se torna uma ruptura de difícil reparação.

Escolas foram fortemente atingidas pelas águas. Uma escola fechada na comunidade é sinônimo de ausência de sociabilidade, que é algo responsável pelos laços sociais que

a configuram. Escolas destruídas são espaços de memórias e convites à reconstrução. Nesse contexto, conteúdos curriculares se transformam em peças burocráticas, pois é preciso recriar espaços, tempos e relações que não cabem nas oficialidades de plantão. Provas e trabalhos ficam pequenos diante do desafio de ser aprovado(a) na vida, de não reprovar na luta diária que a enchente aprofundou (Pereira, 2024, p. 38).

No plano institucional, as enchentes revelam lacunas graves, pois, embora existam legislações e políticas públicas que reconheçam a necessidade de adaptação da educação aos riscos climáticos, a realidade mostra que a maioria das escolas não possui planos de contingência, rotas de evacuação ou protocolos para a preservação de seus arquivos e materiais pedagógicos (Centro Nacional de monitoramento e alertas de desastres naturais, 2024), ou seja, a cada desastre repete-se o ciclo de perdas.

Na localidade de Feliz, o Rio Caí, ultrapassou níveis históricos e invadiu o prédio da Escola Maria Saturnina Ruschel. A escola, fundada em 1903, constitui um marco da educação pública da cidade, abrindo mais de um século de histórias e experiências, formando várias gerações de estudantes.

Desde o início dos anos de 1990, a escola funciona em um novo prédio, localizado na área central do município. A sede atual está situada em uma região valorizada, próxima ao Centro de Tradições Gaúchas Rancho Feliz e ao Parque Municipal – o qual abriga a maior tirolesa da América Latina. O prédio está posicionado em frente ao Rio Caí, que integra a paisagem urbana, mas que também representa um risco permanente, especialmente diante do aumento da frequência dos eventos climáticos extremos.

Em maio de 2024, as águas permaneceram por dias no interior da escola. As perdas materiais e os efeitos da enchente provocaram um abalo profundo na comunidade escolar, já que o prédio ficou interditado por mais de dois meses, interrompendo o vínculo cotidiano com o espaço educativo. As salas de aula reviradas, os brinquedos quebrados e os documentos históricos dissolvidos pela umidade carregavam consigo não apenas os rastros da destruição física, mas também a desorganização simbólica de uma memória institucional construída ao longo dos anos. A Escola Maria Saturnina Ruschel, como espaço coletivo, passou, então, a carregar as marcas de uma ruptura. A enchente dissolveu registros que contavam a história de mais de um século de trabalho educativo — memórias de professores, alunos, projetos e conquistas que compunham o tecido identitário da instituição.

Compreender esses impactos exige uma abordagem que vá além dos danos físicos à estrutura escolar, conforme aponta Magalhães:

[...] a história de uma instituição educativa não constitui uma abordagem descritiva ou justificativa da aplicação de uma determinada política educativa, como também se não confina à relação das instituições com o seu meio envolvente. Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição educativa é integrá-la de forma interactiva no

quadro mais amplo do sistema educativo e nos contextos e circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência (Magalhães, 2007, p. 70).

Pensar a escola como espaço de memória implica reconhecer que ela é mais do que um local de ensino: é um território simbólico onde se inscrevem experiências, vínculos e valores coletivos. Halbwachs (2013) compreende a memória como um fenômeno social, sustentado por grupos que lhe conferem sentido. Assim, a memória individual só existe ancorada na memória coletiva — nas referências e nos marcos compartilhados por uma comunidade.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter Qualitativa, de abordagem Documental, ancorada na perspectiva da História Cultural, entendida por Chartier (2002) como um modo de identificar em diferentes momentos e lugares como uma realidade social foi construída e pensada. Ela também se constitui como uma forma de leitura e interpretação da realidade, expressa de maneira simbólica. Isso significa que os sentidos atribuídos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais aparecem de forma cifrada, já carregando significados e apreciações valorativas (Pesavento, 2006).

Nesse sentido, ao observar como a escola lida com seus registros e vestígios materiais, torna-se possível identificar de que maneira essa memória coletiva é preservada — ou ameaçada. Foi nesse contexto que o acervo documental da escola, inicialmente armazenado no primeiro andar, precisou ser transferido para uma sala no segundo andar após ser atingido pela enchente de maio de 2024. Os materiais salvos foram organizados em caixas, cada uma devidamente identificada com a descrição do conteúdo, como pode ser observado na figura 1.

Figura 1 – Sala de armazenamentos dos documentos da escola



Fonte: Acervo da autora (2025).

O quadro 1 reúne os documentos preservados e consultados pela autora em 28 de agosto de 2025, durante uma visita à instituição realizada quase um ano após a reabertura da escola.

Quadro 1 – Levantamento dos documentos recuperados

MATERIAL	ANO(S)
Nomeação Maria Saturnina	1902
Casamento Maria Saturnina	1907
Livro Ponto	1930, 1936, 1939, 1943, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1953, 1954, 1956
Ata	1942, 1963
Livro de Inspeções Grupo Escolar Tenente Oldegard Sapucaia	1943
Clube Agrícola Grupo Escolar Paes Leme	1943-1951
Estatística de Aproveitamento Ginásio Estadual de Feliz	1962

MATERIAL	ANO(S)
Atas de Exames Grupo Escolar Tenente Oldegard Sapucaia	1962
Base Curricular	1971
Caderno de Visitas Extraordinárias	1972
Grupo de Danças Criança Feliz	1975
Atas das Comemorações das Horas Cívicas	1979
Ficha de Controle do Rendimento Escolar	1982, 1989, 1990, 1991
Regimento Escolar	1988, 2000, 2004, 2007, 2010
Grade Curricular	1988, 1990
Reunião	1988
Grupo de Dança Alemã	1991
Certificado	1993
Regimento Interno	1993
Ofício nº 11/97	1997
Projeto Político-Pedagógico	2000
Organização Curricular	2007
Educacenso	2008, 2012
Fotos	s/d
Arquivo do passivo (alunos)	s/d
Arquivo do passivo (professores)	s/d
Livro do Centenário da Escola	s/d

Fonte: Documentos históricos e administrativos da Escola Maria Saturnina Ruschel (1902-2012).

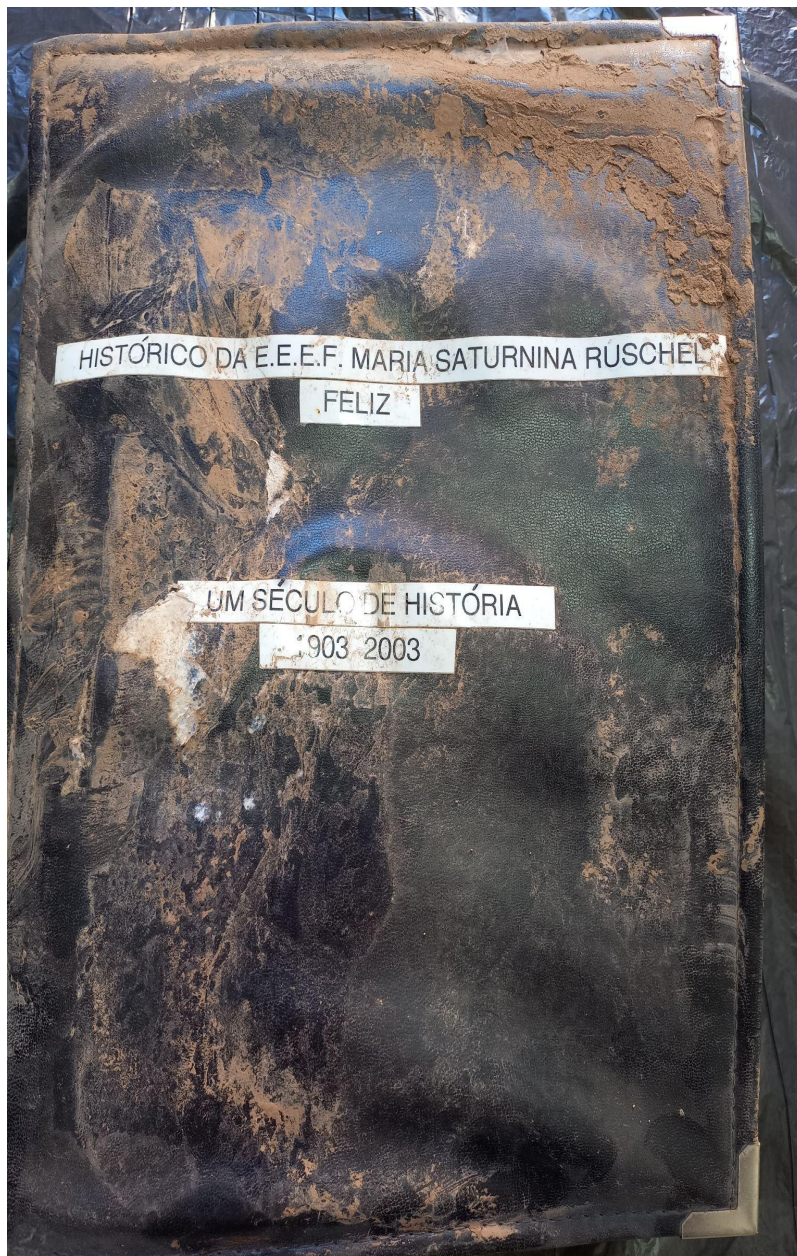
Os documentos que não puderam ser preservados foram encaminhados para outro local. Entre eles, encontram-se: fotografias antigas de alunos e da escola; atas de reunião de professores, coordenação e direção; leis, pareceres e resoluções; cadernos de atas; o livro de registro da biblioteca; fitas de vídeo e os documentos referentes ao estágio probatório.

3 UM MOVIMENTO NECESSÁRIO

Entre os materiais estava o *Livro do Histórico da E.E.E.F. Maria Saturnina Ruschel*, na figura 2, que constitui um testemunho dessa memória coletiva, o qual reuniu a biografia da patrona da instituição, fotografias e narrativas de diferentes gerações de estudantes e professores. Esse conjunto de memórias

revelam modos de viver e conviver, práticas pedagógicas, festas comemorativas e tradições que foram construídas e ressignificadas ao passar dos anos.

Figura 2 – Livro do Centenário da Escola Maria Saturnina Ruschel



Fonte: Acervo da autora (2025).

O exemplar traz impressas as marcas da enchente. As páginas, antes lisas, adquiriram a textura da lama, incorporando em sua materialidade os vestígios da tragédia. Ao folheá-lo, somos convidados a revisitar a história da escola quase desfeita pela lama, mas também reafirmada pela resistência da comunidade diante da adversidade. O livro, que outrora simbolizava a celebração de um centenário, transforma-se agora em artefato da força e da persistência de uma instituição que insiste em continuar existindo.

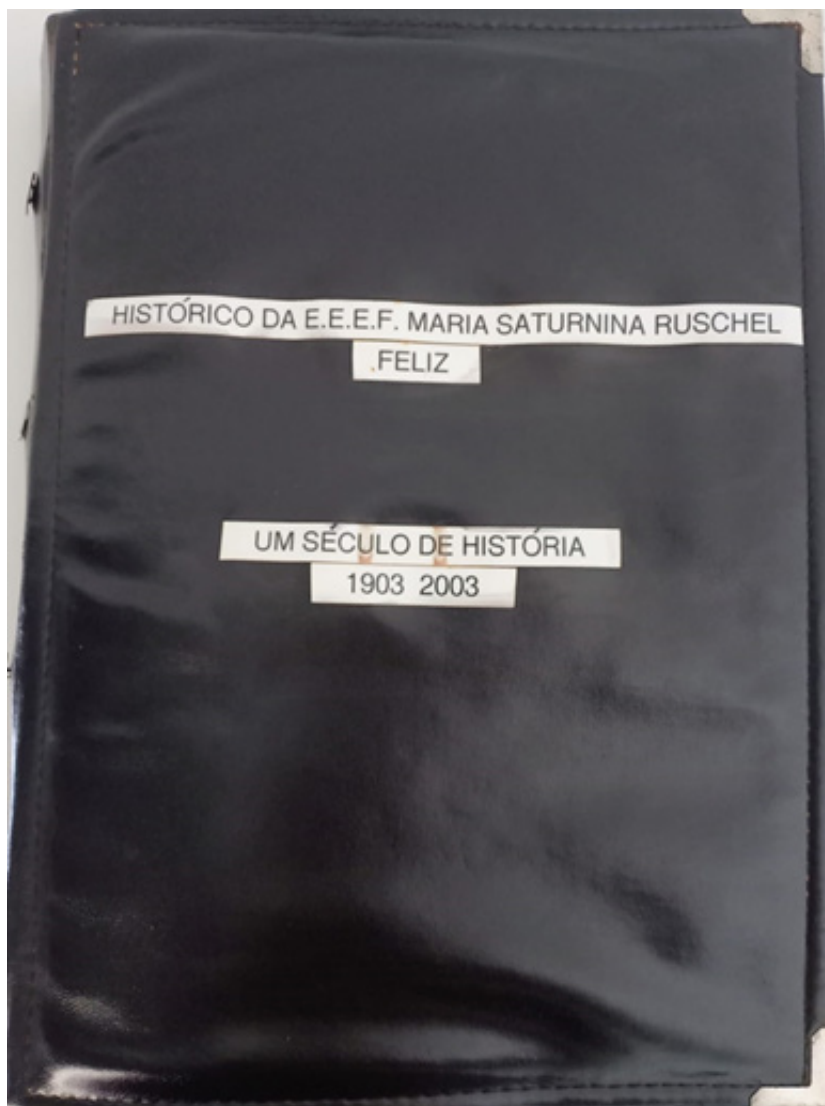
Frente a todo o simbolismo e história do livro, buscou-se realizar um trabalho de restauro. Segundo Guimarães e Beck (2007), o restauro consiste em uma política de intervenção individual e definida de acordo com os recursos que a instituição possui, que tem como objetivo devolver o acesso aos objetos danificados. Os materiais como papel, tinta e a emulsão de fotografia são sensíveis às mudanças climáticas, portanto é de suma importância o conhecimento das técnicas de restauro e da estrutura dos materiais que compõem o acervo. Quanto a figura do restaurador as autoras elencam algumas responsabilidades durante o trabalho, sendo elas: respeito à integridade física e histórica do objeto, a execução do restauro com qualidade e sempre levar em conta a reversibilidade da prática.

O primeiro passo consistiu em visitar o Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (MusCap), localizado no município de Caxias do Sul, para conversar com o Frei Celso, responsável pelo setor de restauro, a fim de verificar a viabilidade do trabalho. Durante o encontro, ele explicou detalhadamente o procedimento necessário para a recuperação do livro.

Assim, no dia 9 de dezembro de 2025 iniciaram-se as atividades de restauro. A etapa inicial envolveu a retirada das folhas que estavam acondicionadas em sacos plásticos, seguida da numeração individual de cada uma delas. Em seguida, cada página foi disposta sobre uma folha de papel TNT para a higienização a seco, realizada com o uso de um pincel macio, passando-o três vezes da parte inferior para a superior, buscando preservar a integridade do documento.

A etapa final consistiu em acondicionar cada página higienizada em um novo saco plástico com uma folha A4 a fim de neutralizar ácidos que causam a degradação, para então organizá-las novamente na pasta do livro. A capa de couro também passou por higienização, utilizando água e sabão neutro, sendo posteriormente deixada para secar à sombra. A figura 3 apresenta o livro já restaurado.

Figura 3 – Livro após processo de restauro



Fonte: Acervo da autora (2025).

Ao todo foram três dias de trabalho, o livro continha mais de 160 páginas; desse conjunto, 13 foram completamente perdidas devido à umidade. Entre elas, encontravam-se registros fotográficos do descerramento da placa, da estreia da banda marcial da escola, do conselho de pais e mestres, de momentos festivos, da chegada do fogo simbólico, do desfile cívico de 7 de setembro de 2003, das balizas da escola e de uma reportagem sobre a construção do ginásio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando as águas retornam ao seu curso natural, revelam não apenas os destroços, mas também uma comunidade que sustenta a educação como prática social. Entre a lama e a edificação física, permanece a memória. Os gestos de limpeza e de recuperação de arquivos expressam o esforço coletivo para manter viva a lembrança e a função social da instituição educativa.

Torna-se necessário compreender o valor simbólico que uma escola carrega: nela se guardam histórias, identidades, afetos e trajetórias. Assim, quando ocorre a destruição de uma escola, instaura-se também uma ferida social e cultural.

A Escola Maria Saturnina Ruschel, ao ter as páginas de seu livro histórico borradas pela lama, reafirma-se como guardiã de uma memória viva. Suas laudas marcadas pela enchente não representam o fim, mas um novo início, a resistência de uma história que se transforma e continua a ensinar.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL – EMATER/RS (Governo do Estado do Rio Grande do Sul). Secretaria de Desenvolvimento Rural (Sdr) (org.). **IMPACTOS DAS CHUVAS E CHEIAS EXTREMAS NO RIO GRANDE DO SUL EM MAIO DE 2024**. 2024. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-eventoenchentes-em-maio-2024.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- BARCELLOS, C. et al. (Org.). **Mudanças climáticas, desastres e saúde**. Manguinhos, RJ: Editora Fiocruz, 2022.
- CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTAS DE DESASTRES NATURAIS. Educação em clima de riscos de desastres. **Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais**. reimp. revisada – São José dos Campos, SP. Cemaden, 2024.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- FIOCRUZ. **As inundações no Rio Grande do Sul, impactos imediatos e suas possíveis consequências sobre a saúde da população**. Fiocruz, 2024.
- GUIMARÃES, L.; BECK, I. Conservação & restauração de documentos em suporte de papel. **Conservação de Acervos**. Rio de Janeiro: MAST, p. 45-60, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MAGALHÃES, J. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto: a investigação em história das instituições educativas. **Educação Unisinos**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 69-74, 2007.

MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto: a investigação em história das instituições educativas. **Educação Unisinos**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 69-74, 2007.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. **A enchente de 2024 como situação limite e a educação libertadora como inédito viável**: ensaios freireanos. Porto Alegre: CirKula Editora e Livraria, 2024.

PESAVENTO, S. J. Cultura e representações, uma trajetória. **Anos 90: revista do Programa de Pós-graduação em História**, Porto Alegre, v. 13, n. 23-24, p. 45-58, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5740/574069170011.pdf>

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2013.

SOUZA, José Edimar (org.). **Escola e crise climática no Rio Grande do Sul**: as enchentes de 2024. São Leopoldo, RS: Oikos, 2025.

SOUZA, M. de. **Política Ambiental Global e o Brasil**. [S. l.: s. n.], 2024.

Suarez, G., Bello, O., & Campbell, J. (2024). **Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul**. Disponível em: https://publications.iadb.org/pt/avaliacao-dos-efeitos-e-impactos-das-inundacoes-no-rio-grande-do-sul?__cf_chl_f_tk=KXQMP4RTaBgbrtyxLPJYEjsEBtLtFtH_Jf05MohyBFM-1783011802-1.0.1.1-Ep8iHhQMb29VS_boogCYxCAH0TzrKf2D102Wy1.ZPCg

VIEIRA, Sofia Lerche. **O impacto das mudanças climáticas na educação**: iniciando um debate. Nota Técnica 9. São Paulo: D³e – Dados para um Debate Democrático na Educação; Todos Pela Educação, 2024. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota-tecnica_2412_impacto-mudancas-climaticas-educacao.pdf. Acesso em: 2 jul. 2026